



# O CANTO DA SEREIA NO BRASIL: AUTORITARISMO E SEU ENUNCIADO DISCURSIVO

EL CANTANTE DE LA SEREIA EN BRASIL:  
EL AUTORITARISMO Y SU ENUNCIACIÓN DISCURSIVA

THE SIREN SONG IN BRAZIL:  
AUTHORITARISM AND ITS DISCURSIVE ENUCIATION

Marcelo Augusto Resende<sup>1</sup>  
Vanessa Ribeiro de Almeida<sup>2</sup>

---

**RESUMO:** A presença do autoritarismo e de seu discurso, enquanto forma de massificação ideológica, figura como objeto de interesse de estudo e compõe o pano de fundo do presente trabalho. Esta pesquisa se debruçou sobre uma discussão acerca de como a palavra e a memória do dizer presentes no enunciado autoritário se sustentam em uma estrutura de poder, bem como afetam a cultura que consente no estabelecimento de uma ordem de poder. Encontrou-se, enquanto fator fundamental, o autoritarismo costurado à historicidade do país e dentro da cadeia de poder. Para além disso, aquele que enuncia a palavra, o criador da fala e que manifesta o discurso autoritário, tem sua autoridade validada a partir do engendramento de sentido no mundo lido enquanto linguagem e que influencia a massa valendo-se da irracionalidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Política; Discurso Autoritário; Autoritarismo; Produção de Sentidos.

**RESUMEN:** La presencia del autoritarismo, así como su discurso, como forma de masificación ideológica, figura como objeto de interés de estudio y forma el trasfondo de este trabajo. Esta investigación se centró en una discusión sobre cómo la palabra y la memoria del decir presentes en el enunciado autoritario se apoyan en una estructura de poder, así como cómo afectan a la cultura que consiente el establecimiento de un orden de poder. El autoritarismo se encontró, como factor fundamental, ligado a la historicidad del país y dentro de la cadena de poder. Además, quien enuncia la palabra, el creador del habla y quien manifiesta el discurso autoritario tiene validada su autoridad desde la generación de sentido en el mundo leído como lenguaje y quien influye en la masa utilizando la irracionalidad.

**PALABRAS CLAVE:** Política; Discurso autoritario; Autoritarismo; Producción de significados.

**ABSTRACT:** The presence of authoritarianism, as well as its discourse, as a form of ideological massification, figure as an object of interest for this study and make up its background. This research focused on a discussion about how the word and the memory of speech present in the authoritarian statement are sustained in a power structure, as well as affecting the culture that consents to the establishment of an order of power. Authoritarianism linked to the country's historicity and within the power chain was found as a fundamental factor. In addition, the person who enunciates the statement, the creator of speech and who manifests the authoritarian discourse has their authority validated from the engendering of meaning in the world read as language and that influences the mass using irrationality.

**KEYWORDS:** Politics. Authoritarian speech. Authoritarianism. Sense productions.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Levi, citado por Gros (2020), diz que monstros existem, mas em pouca quantidade e, em seu número reduzido, não oferecem perigo. A grande ameaça, porém, reside na massa de

---

<sup>1</sup> Professor doutor da Faculdade de Psicologia da PUC Minas São Gabriel. psiresende@gmail.com

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. vanessa.ribeiro01@gmail.com

2º lugar na premiação referente ao concurso do Prêmio de Melhor TCC, do curso de Psicologia da unidade educacional São Gabriel, do 1º semestre de 2021.

voluntários, composta por homens comuns que sustentam o lugar dos déspotas. Por que aceitar o inaceitável? Tal indagação abre a obra de Gros (2020) e, também, o presente trabalho.

Dito isto, objetivou-se, no presente artigo, analisar o atual contexto político brasileiro e de que forma o discurso autoritário influencia a sociedade a partir da mediação de figuras que ocupam o poder político. O autoritarismo reverbera pela palavra cujos significantes habitam o campo da irracionalidade, e o que se observa nos movimentos da cultura brasileira é, justamente, uma moção deliberada de convergência àquilo que anuncia sua ruína, ainda que se observem elementos que justifiquem revoltas e insurreições. La Boétie (2017) discutiu sobre o que leva o homem a acatar um esquema de obediência a seu senhor sem, no entanto, revoltar-se, mas aderindo voluntariamente à servitude. O autor chega a comparar o homem a um cavalo, que geme e reclama diante de seu sofrer, conforme se observa:

Todas as coisas que têm sentimento sentem a dor da sujeição e suspiram pela liberdade; as alimárias, feitas para servirem o homem não são capazes de se habituar à servidão sem protestarem desejos contrários. A que azar, pois, se deverá o homem, livre por natureza, tenha perdido a memória da sua condição e o desejo de a ela regressar? (LA BOÉTIE, 2017, n.p.).

A partir dos elementos introduzidos, traçou-se um intercâmbio com o encantamento pela palavra, como no canto da sereia que, no campo do imaginário, figura como um chamamento para a ruína, pois a voz que seduz está carregada de uma carga destrutiva que desvia o sujeito de seu curso, conforme nos esclarece Meneses (2020). No campo psicanalítico, Dias (2020) diz que tal encantamento é como um dizer irracional que encaminha o sujeito para a própria destruição, pois as vozes tornam-se autônomas e, dessa forma, o homem passa a dizer de si a partir delas. Conduzido por um enunciado alucinatório que ressoa a voz do Outro, o sujeito é, então, tomado pelas vozes.

Tal lógica evidencia, conforme tratado na presente pesquisa, uma cacofonia midiática de cunho irracional, fundamentalista e belicoso, chamando a atenção para os conteúdos discursivos cuja palavra é marcada pela inflexão, pela intolerância, pelo negacionismo e controle subjetivo, entre outros elementos. Essa dinâmica ressoa tanto no mundo digital quanto em manifestações públicas, de tal maneira exaltadas que atraem o interesse acadêmico no sentido de compreender sua ocorrência na contemporaneidade.

Com a presente pesquisa, aferiu-se que os atravessamentos subjetivos se explicitam nas manifestações quanto a temas de relevância para a sociedade, como questões relativas à saúde e à vida em meio a um cenário pandêmico no Brasil. Como exemplo, pode-se citar uma fala do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, que faz propaganda de um medicamento

sem eficácia comprovada para o tratamento da covid-19, conforme abordado na matéria da BBC News Brasil (SANCHES, 2020): "Aquele remédio lá, hidroxicloroquina, está dando certo em tudo quanto é lugar, certo? Um estudo francês chegou para mim agora."

A investigação da forma como o autoritarismo influencia a sociedade pela via do discurso, enquanto enunciado que se repete na história, figura como objetivo central que norteou esta pesquisa. Sobretudo, em função de, contemporaneamente, a sociedade estar imersa na era da informação, mas ainda ser manejada por uma palavra que carrega em si uma memória do dizer de cunho irracional. A estrutura da pesquisa reside em tópicos como a presença histórica do autoritarismo no Brasil, bem como sua relação com a extrema-direita; como a realidade é constituída pela via do discurso; de que forma o discurso autoritário influencia a sociedade.

## 2 METODOLOGIA

A fim de alcançar os objetivos propostos, escolhi pesquisar produções teóricas que realizam análises discursivas nos campos da linguística e da semiótica, da filosofia crítica e do campo psicanalítico. Tais teorias foram utilizadas para análise das amostras de material midiático de veículos de comunicação que abordam a temática em questão, sendo um deles a BBC News Brasil e o outro a *Revista Fórum*, ambos em sua versão eletrônica.

Para realizar a pesquisa, foi utilizada a metodologia de pesquisa qualitativa. Essa modalidade de pesquisa, de acordo com Oliveira (2008), se caracteriza pelo viés exploratório da natureza subjetiva do objeto, sendo parametrizada pelo paradigma epistemológico definido como *Interpretacionismo*, conforme se observa:

Outro posicionamento metodológico para se fazer pesquisa é o que defende o estudo do homem, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente. Esse ponto de vista encaminha os estudos que têm como objeto os seres humanos aos métodos qualitativos, sendo chamado de Interpretacionismo (OLIVEIRA, 2008, n.p.).

Assim, foi possível explorar, interpretar e analisar, com base na contribuição de conceitos de análise do discurso, o fenômeno na atualidade brasileira. Conforme trazido por Orlandi (2005, p. 45), "não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar, colocando-se diante da questão: o que isto quer dizer?" Tal modalidade de pesquisa propiciou trabalhar com um recorte textual e outro imagético, de modo a esmiuçar as diferentes nuances e implicações de determinadas situações

abrangendo, ainda, um todo. Houve, assim, a possibilidade de utilizar dados de diferentes formatos com uma articulação teórica diversa.

### 3 O AUTORITARISMO COSTURADO À ESPINHA DORSAL BRASILEIRA

No capítulo de abertura de seu livro sobre o autoritarismo brasileiro, Schwarcz (2019) revela a linha contínua na qual reside o sistema autoritário no país e diz que a leitura histórica em muito difere da leitura de uma bula de remédio. Embora os mesmos componentes estejam presentes em diferentes cenários, os efeitos são distintos. No caso do Brasil, uma lógica colonial se constitui na presença de um Estado forte permanente e com elementos que atravessam a história, como o devotamento à continuidade de um sistema corrupto; a violência e a intolerância; políticas higienistas nos campos social e étnico-racial; controlador quanto a questões de gênero; mantenedor de uma máquina pública que funciona em prol da desigualdade.

Herdeiro do colonialismo, bem como de uma organização burocrática de viés eurocentrista trazida pela família imperial em 1808, o Brasil ainda carrega o frescor da novidade quanto ao estabelecimento de instituições democráticas. Segundo Schwarcz (2019), a partir de uma análise assentada nos meandros antropológicos do desenrolar histórico brasileiro, a sociedade atual resulta, assim, de uma lógica política e cultural autoritária. Dessa forma, o Brasil não está em uma fase autoritária, mas o país é, essencialmente, autoritário.

Tendo sido o último país a abolir a escravidão, o esquema estabelecido no Brasil sob a regência da posse dos corpos enquanto propriedade privada fez da aplicação sistemática da violência uma forma de governar e, conforme nos esclarece Schwarcz (2019), corroborou para o delineamento evidente sobre as figuras de quem manda e de quem obedece. Há, assim, um entendimento sobre uma hierarquia social restrita, polarizada, paternalista e patriarcal.

Manifesto não só nas raízes, como na própria organização social brasileira, o autoritarismo irrompe no discurso mediado por movimentos políticos ou figuras como Vargas, o pai dos pobres, na fala do Integralismo (movimento fascista brasileiro ainda em atividade), por exemplo. A partir disso, Barros e outros (2009) esclarecem que a compreensão do autoritarismo em si não se pauta pela representação individual, mas por um agrupamento de sistema de valores que aglutina a maleabilidade de diferentes cenários políticos e sociais atravessando questões identitárias. Assim, o autoritarismo não se reduz a um traço de personalidade, mas a uma forma de organização social.

O consentimento da sociedade ao autoritarismo no Brasil evidencia uma repetição histórica de um fazer político extremado, seja pelo uso da força ou pela via da palavra. Segundo

Alves (2016), a instauração do Estado Novo, em 1937, a partir de um golpe político perpetrado por Getúlio Vargas, fora justificado por um manifesto cujo discurso direcionado ao país conferia uma estética paternalista, mas com pautas autoritárias. O manifesto tratava da negação das instituições políticas existentes na época, visando, assim, conferir ao golpe legitimidade da posição de poder ocupada por Vargas.

Em 1964, houve o golpe militar cujo poder fora expresso pelo uso da força bélica, suprimindo a liberdade de expressão midiática, do sujeito e da arte. Durante 21 anos, o regime militar, conforme explanam Remenche e Rocha (2018), cassou direitos, impôs a censura, a tortura e a perseguição política, além de outras ações opressoras. Com o slogan “Brasil: ame-o ou deixe-o”, difundido nos “anos de chumbo”, declarou-se a lógica do discurso autoritário e a articulação da linguagem e do poder no sentido de oprimir violentamente os contrários ao regime, segundo Diedrich (2019). Observa-se, assim, que a aplicação sistemática da violência colonial, bem como o mandonismo, como trata Schwarcz (2019), se apoiam na autoridade irrestrita da dicotomia dos submissos e dos mandatários.

A despeito da violência do regime militar, a resignação a um autoritarismo paternalista no Brasil se evidencia nos momentos de crise política, conforme analisado por Schwarcz (2019, n.p.), quando a autora diz que “Também vale a pena indagar por que, vira e mexe, sobretudo nos momentos de crise política, caímos no sonho da ‘concordia’ do Regime Militar, como se esse período tivesse sido encantado e carregasse consigo a solução mágica para nossos problemas mais estruturais.”

Após o resultado das eleições de 2018 no Brasil, ocorreu o resgate do *slogan* ditatorial “Brasil: ame-o ou deixe-o”, exibido pela rede de televisão aberta SBT. Segundo Diedrich (2019), a reprodução apologética do significado incutido no *slogan* ligado ao período de maior perseguição, opressão e violência por parte do Estado, logo após o desfecho das eleições presidenciais, denota que o atual governo e a representação simbólica de um projeto de poder explicitamente autoritário estão em consonância. Assim, infere-se que o autoritarismo e o discurso que o ancora perpassam diferentes períodos históricos do Brasil, figurando como entidade que carrega em sua memória elementos opressores.

### 3.1 Conceitos de autoritarismo, fascismo e extrema-direita

Com a ascensão de grupos políticos radicais, o autoritarismo novamente protagoniza discussões no campo social e no meio acadêmico. Segundo Brown, citado por Barros e outros

(2009), entende-se por autoritarismo uma circunstância com uma diferenciação notável entre os papéis de quem possui autoridade e dos que são considerados inferiores e passíveis de hostilidades e agressões. Segundo o autor, o autoritarismo remete a um sistema de crenças que se ancora na polarização do que se entende por certo ou errado sem qualquer tipo de ambiguidade. Conforme Barros e outros (2009), compreende-se por sistema de crenças os conceitos pertencentes a estados comportamentais considerados desejáveis, haja vista determinadas exigências de grupos com orientações ideológicas distintas.

Indissociável do conceito de fascismo, faz-se necessário esclarecer as nuances que o diferenciam do autoritarismo. Adorno e Horkheimer, citados por Bueno (2017), visam traçar a lógica do fascismo enquanto um movimento político de cunho nacionalista e apoiado em uma teoria de raça cujo emblema se pauta na hostilidade direcionada ao diferente. Segundo Reich (1972), a teoria de raça implica na não miscigenação racial, tendo sido, assim, o pretexto nazista para perseguição de outros povos, como os judeus. A fim de compreender o que se entende por teoria de raça, a contribuição de Reich (1972) nos elucidada que a ideologia fascista se sustenta na busca pela pureza de raça e que a miscigenação figurava como uma ameaça à nação alemã. Logo, era dever do Estado e do povo alemão manter puros a cultura e o sangue, o que foi usado como justificativa para a perseguição de outras etnias, como os judeus, em territórios alemães. A partir disso, percebe-se a existência de uma ligação que permite entender como fascismo e autoritarismo encontram-se invariavelmente interligados.

Quanto à extrema-direita, também intrincada ao autoritarismo e ao fascismo, Cepêda (2018) a situa enquanto fenômeno recente no cenário político brasileiro. Segundo a autora, a extrema-direita é tida como uma “nova direita”, tornando-se proeminente na última década, no Brasil. A autora ressalta que elementos tidos como “conservadores” presentes nos discursos de grupos de extrema-direita europeus foram incorporados pelos movimentos brasileiros que têm afinidade com tal fazer político, tais como: nacionalismo, xenofobia, racismo, aversão ao comunismo etc.

Dito isto, o estudo de Messenberg (2017) diz que a extrema-direita brasileira “sai do armário”, pois se trata de um movimento político inerente ao contexto brasileiro que operava nas sombras sem se afirmar, mas presente nas entrelinhas de uma política conservadora. A nova direita é definida pela autora como uma movimentação política que explicita seus ideais apregoados na retórica difundida nas mídias sociais num exercício de construção identitária e distinção quanto a outros grupos políticos ativos no Brasil.

### **3.2 O autoritarismo e a extrema-direita na atualidade brasileira**

Conforme tratado anteriormente, o autoritarismo e a extrema-direita possuem uma relação indissolúvel. Dessa forma, segundo Borri e outros (2014), elementos discursivos tidos como conservadores e adotados por grupos extremados enquanto valores tradicionais, o nacionalismo, a irracionalidade e a intolerância ao que é tido como diferente nos campos da cultura, política e sexualidade, entre outros, estão presentes no fazer político daqueles grupos. Tais manifestações são encontradas na atualidade brasileira e, conforme trata Alves (2016), o *slogan* do atual governo brasileiro explicita esses valores quando diz “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos.” O *slogan* denota, assim, explícita mistificação do campo político, traçando relação com o que Reich (1972) elabora acerca do papel da religião enquanto elemento místico que estrutura o autoritarismo. A religião, conforme traz o autor, é o fundamento que orienta a economia sexual enquanto instrumento de controle e formativo, que atravessa a subjetividade da juventude como um “contágio místico”, tratando-se de ponto fundamental para a assimilação do fascismo pelas massas. Ainda de acordo com Reich (1972), a educação formativa com base na religião tinha como objetivo suprimir possíveis revoltas da massa oprimida. Essa dinâmica ocorria com a introjeção de sentimentos de culpa da ordem da sexualidade, bem como a necessidade de uma bússola moral representada pela ideologia do Estado a fim de criar uma relação de dependência.

Segundo Morais (2019), um dos conteúdos constitutivos do discurso adotado pela extrema-direita na atualidade é o investimento simbólico na família cristã e no resgate dos valores morais com uma explícita vinculação entre Estado e religião enquanto promessa da ordem e do progresso brasileiros. Conforme o autor, o arranjo simbólico presente em diferentes gêneros discursivos adotados pela extrema-direita em suas manifestações públicas evoca a intolerância e a negação da alteridade como alicerces estruturantes da política do Estado. Para além das similaridades apontadas, há, ainda, a presença da intolerância como elemento central na formação psicológica das massas com foco na juventude, tal qual a dinâmica alemã explicitada por Reich (1972), anteriormente. No Brasil, destaca-se o movimento denominado “Escola sem Partido”, que, de acordo com Bicalho e Scrivano (2017), visa extirpar a ideologia comunista, marxista e esquerdista do ambiente escolar, a fim de livrá-lo de pautas relativas a gênero e questões políticas. Porém, apregoa-se a lógica conservadora da ideologia cristã e a moral da família tradicional, haja vista que a base política responsável pela elaboração do “Escola sem Partido” constitui uma base parlamentar de cunho abertamente religioso. Conforme tratam os autores, essa base objetiva a instauração de um estado de “pânico moral” como substrato primário para guerras psicológicas, cujo vencedor tem o poder de preconizar um

viés soberano. Nesse sentido, Borri e outros (2014) colaboram ao destacar que a religião e a irracionalidade são os fundamentos para uma lógica transcendente, o que configura um cenário de verdades absolutas e irrefutáveis, bem como manifestações fundamentalistas cujo pilar é a fé. Tal lógica faz-se presente, como trazido pelos autores, na dinâmica da extrema-direita brasileira, tão nova em termos fenomenológicos, mas, a julgar pelo arranjo simbólico no qual se assenta, repleta de ideais antigos e já enunciados em diferentes períodos históricos e culturais no mundo.

Fazendo-se alusão ao que traz Messenberg (2017) sobre uma nova direita que sai do armário, essencialmente, não há, assim, um devir em sua orientação ideológica, mas uma nova apresentação estética. Essa questão desvela o anacronismo de uma dinâmica política que não deixa de ser, como trazido por Freyre, citado por Schwarcz (2019), ao afirmar que "o passado nunca foi, o passado continua." Tal fala é observada no estudo da autora numa alusão direta ao autoritarismo enquanto pilar que estrutura as organizações política e social no Brasil.

#### **4 DISCURSO E CONSTRUÇÃO DA REALIDADE**

O discurso, conforme nos esclarece Caragnato e Mutti (2006), é um enunciado já pronunciado por diferentes gêneros linguísticos e não pertencente a um sujeito específico, mas que pode ser mediado por ele. Trata-se de uma construção subjetiva da cultura, conforme sua época, e manifesta pela memória do dizer. Já Orlandi (2005) diz que onde há homens falando, há discurso. É linguagem em ação e esta possui papel fundamental na constituição da realidade.

Dito isto, cabe ressaltar que a palavra, em sua historicidade e permeada pela memória da cultura, ultrapassa sua significação gramatical. Assim, compreende-se que o manejo do dizer, para além de produzir sentido, produz realidade, conforme nos esclarece Tonus (2002). Esse movimento que se dá enquanto atravessamento subjetivo, no entanto, é mediado por produções de sentidos que não são exatos, segundo estudo de Orlandi (2013), em função das diferenças semânticas e das abstrações circunscritas no dizer. Dessa forma, o real, enquanto cenário sociocultural, é suscetível a ser interpretado. Não há somente uma realidade, mas várias que se materializam conforme a memória e a historicidade daquilo que se compreende. Nesse sentido, a análise do discurso se configura enquanto exercício que, segundo Orlandi (2005), ao extrapolar o campo gramatical e do entendimento da língua, permeia o cerne da palavra em sua materialidade simbólica. Essa dinâmica se dá enquanto elemento que estrutura o sujeito da cultura em sua historicidade.

Por possuir sentidos que podem ser interpretados de formas variadas, a mensagem que será emitida e codificada pelo receptor não é, assim, meramente uma fala que se diz, se repete e da qual se espera determinada leitura, segundo Orlandi (2005). De acordo com a autora, a própria etimologia da palavra “discurso” exprime movimento, um curso. Há, assim, uma ligação direta entre mobilidade e repetição, pois trata do que o ser de cultura fala em sua história.

Em seu estudo sobre o assunto, Tonus (2002) faz uma interessante e importante contribuição crítica acerca do papel da linguagem para a estruturação do sujeito, bem como para a organização social tendo por base duas linhas teóricas sobre o assunto. Em uma delas, a partir da teoria do filósofo Wittgenstein, a linguagem teria o poder de subverter a subjetividade dos sujeitos com a produção de pensamentos determinados, além de sua manipulação. Dessa forma, haveria um esquema de dominação instrumentalizado pela palavra. O sujeito da cultura estaria, assim, suscetível e passivo diante de uma movimentação semântica de atribuição de sentidos e de construção de uma realidade enquanto aquele que, meramente, ecoa um discurso. A submissão, conforme contribuição de Gros (2020), se instala enquanto condição na qual o homem se encontra numa relação de poder sem que possa agir conforme sua própria vontade. Segundo o autor, trata-se de uma obediência imposta pela repressão. Isso se desenha no âmbito autoritário, em que há um sufocamento do sujeito, sequestrado de si mesmo e neutralizado em sua subjetividade.

Nesse sentido, pode-se explorar o entendimento do discurso autoritário, que se assenta na lógica da paráfrase, um processo que reside, segundo Orlandi (2005), em algo que se mantém. Entre o dizível e a memória, os processos parafrásicos sempre retornam em sua historicidade aos mesmos lugares. Com isso, Tonus (2002) ressalta um processo de assujeitamento em que a produção subjetiva se vê contingenciada por um dizer que carrega em si um sentido que continua. Pode-se compreender como se instaura o encantamento pela palavra para disseminação ideológica e que tende a criar um cenário polarizado, conforme se observa:

Para que a paráfrase predomine, a sociedade contemporânea sofre uma espécie de patrulha ideológica patrocinada pela mídia que, com raras exceções, esmera-se no intento de construir um pensamento racional homogêneo. Apenas a uns poucos é dado o direito de interpretar a realidade e, logo, de produzir sentidos para ela. À maioria é dado tão somente o direito de concordar com essa interpretação e incluir-se no rol dos seguidores conformados ou de se auto-excluir sempre que optar pelo pensamento independente (TONUS, 2002, n.p.).

A autora diz de um sistema de manipulação subjetiva por parte de um grupo que controla a ação discursiva. Interpretar, assim, torna-se uma ação de ruptura e de libertação de um esquema de dominação. Ainda sobre a emancipação do sujeito com sua ruptura interpretativa,

faz-se oportuno citar outro tipo de discurso, o polêmico. Este pode ser compreendido como uma forma de equilibrar a tensão entre polissemia e paráfrase, a total liberdade de interpretações e construções de realidade e a continuidade do dizer, conforme esclarece o estudo de Tonus (2002). A autora diz de uma disputa entre múltiplos sentidos e de um controle polissêmico que resulta em um cenário com delimitações sem que haja, no entanto, um total sufocamento da palavra. Tais inferências partem de uma análise crítica e absolutamente pertinente, pois na dialética da paráfrase e da polissemia, há o sujeito crítico que, conforme trazido pela autora, torna-se indesejável. Isso porque não se submete à conformidade aceita pela maioria, tampouco acata a imposição subjetiva. A autoexclusão decorrente da discordância com a lógica discursiva vigente pode ser compreendida a partir do que Tonus (2002) delimita como sujeito lúcido, ou sociedade lúcida. Essa posição, segundo a autora, pode delinear o ideal de sociedade que se criva pela crítica extrapolando, assim, as limitações interpretativas impostas por instituições paradigmáticas, como a religião e a família, por exemplo.

Para além do pensamento de Wittgenstein, Tonus (2002) aborda a contribuição da pesquisadora Encarnación Sobriño, cujo viés de estudo enfoca um olhar socializado e que abarca o campo da semiótica, que orienta a significação daquilo que a língua comunica. Nesse sentido, aborda-se como uma profusão ideológica se constrói de forma mais complexa e enredada a partir de uma pretensa neutralidade da palavra no campo do sentido e daquilo que permeia as entrelinhas de forma velada, como o que fica subentendido e/ou suposto. De acordo com esse viés, porém, o discurso não é reduzido à palavra escrita, mas à sua materialidade real ou imaginária, em textos ou na fala no âmbito individual ou coletivo. Há um encontro, assim, com o que traz Orlandi (2005) quando Sobriño, citada por Tonus (2002), remete à existência de várias realidades discursivas a serem interpretadas. O que a autora ressalta e deve-se implicar, aqui, é que o discurso também não se limita ao ato da fala, pois não se trata de um sistema de regras e operância por meio de constâncias da língua. Há, porém, uma lógica que delinea o discurso enquanto ação que perpassa o sujeito e o que é histórico, num atrelamento à semântica em movimento e que se desdobra em diversas modalidades discursivas.

Nesse sentido, o discurso autoritário, objeto de análise do presente trabalho, e conforme contribuição de Citelli (2002), enuncia-se em uma persuasão desejante de evocar a diferença entre os sujeitos para nela se assentar. Segundo o autor, essa lógica incorre no sentido de se instituir pela linguagem uma condição em que os papéis dos interlocutores sejam distintos. Com isso, estabelece-se uma polaridade maniqueísta na qual se reconhece previamente quem tem o lugar de fala e a quem cabe ouvir. Isso, na lógica de que o enunciado, carregado de valores e ideologias acerca do que é certo ou errado, determina uma única verdade. Esse

movimento se vale de uma construção ideológica que não causa estranhamento à massa que adere à ideologia, a despeito daquilo que está sendo comunicado.

Os sentidos produzidos pelo autoritarismo, assim, deixam rastros de um consentimento amalgamado pela convicção na qual reside a massa. O que ocorre, então, é uma imersão da palavra e de seus significantes no discurso autoritário, constituindo-o e influenciando a produção de sentidos do sujeito em seu reconhecimento da figura autoritária, seja ela o pai, o professor ou o governante.

#### **4.1 O discurso autoritário em análise**

Segundo Citelli (2002), o discurso autoritário ressoa como uma apresentação na qual a massa encena para si mesma um enunciado já pronunciado, repetido e marcado pela persuasão, que é elevada à condição de mito. Serbena (2010) traz que o mito está ligado ao que o autor conclama como reino do espírito e da cultura, sendo considerado como resultado da produção de sentidos da sociedade e do mundo real. O sujeito cotidiano descola-se de si mesmo para eleger um objeto ideal como elemento transformador da realidade. Segundo o autor, o objeto idealizado manifesto por um "ator coletivo", ou homem ideal, é o que determina o que se entende por real. Porém, o objeto ideal habita o imaginário, que, conforme tratado pelo autor, é o lugar da fantasia e da ilusão. De tal forma, pode-se entender que a figura do mito, ou do homem ideal, habita o lugar da fantasia, sendo, assim, inalcançável ao homem ordinário. Tal proposição reflete a teoria freudiana acerca dos processos identificatórios, cujo laço libidinal se estabelece quando a figura do líder encabeça o desejo da massa. Não por acaso, é importante ressaltar que um dos elementos do discurso autoritário adotado pela extrema-direita brasileira nas eleições de 2018 é, justamente, o da figura do mito. Pode-se interpretar o mito, a partir dos elementos tratados, como aquele que habita no imaginário fazendo do homem idealizado o objeto erótico.

Seguindo a lógica do inalcançável, Brasil (2011) colabora com a compreensão acerca do que distingue o discurso autoritário com a deflexão da multiplicidade de sentidos, entendida como polissemia, numa relação linguística. Assim, apenas o locutor tem um papel ativo e o receptor da mensagem (ou a massa) ocupa uma posição passiva, conferindo ao líder uma legitimidade falsa, uma vez que o discurso não possui um autor, mas um mediador pelo qual é enunciado. Desse modo, é possível refletir que a palavra que domina é ecoada carregando em si o peso edípico da autoridade e da lei. Ainda segundo a autora, o discurso autoritário tem como premissa o esquema de repetição parafraseando a si mesmo como dinâmica que confere

a produção de sentidos na memória do dizer. Dessa forma, os valores morais, por exemplo, ocupam o lugar de conteúdo, não como elemento estruturante do fator autoritário. A enunciação discursiva se ancora na paráfrase, justamente, pela deflexão polissêmica em favor de uma única unidade linguística em movimento. Essa colocação de Brasil (2011) endossa Citelli (2002) quanto à sua elaboração do papel ativo na interlocução de restringir-se à figura do líder no sentido de haver uma só verdade. Para além disso, pode-se refletir quanto à repetição e a paráfrase poderem ser identificadas na cena dialógica estabelecida pela relação entre o líder mais notório da extrema-direita brasileira e a massa de apoiadores em suas interações nas redes sociais.

Dito isto, segundo Adorno (2006) em seu trabalho sobre a propaganda nazista, o autor a ela se refere como de viés psicológico, pois visa à irracionalidade e ao autoritarismo ecoados pela figura do líder que movimenta as massas a invocar a ânsia pela obediência ao pai primitivo, aludindo à figura totêmica freudiana e à concepção de realização do sujeito em seu ideal de eu. O autor se refere, ainda, a uma natureza de passividade da massa que responde de forma "passivo-masquista" de entrega, desejando render-se à figura do líder. Dessa forma, conforme o autor, os elementos centrais que sustentam o discurso autoritário espelhado na propaganda fascista são a irracionalidade e a deflexão do pensamento crítico. Nesse ínterim, Adorno (2006) elege o processo de identificação como amálgama que sustenta e viabiliza a consolidação da lógica edípica enquanto eixo de congruência da estrutura discursiva autoritária do fascismo. Em texto no qual traz a teoria freudiana como lente que clarifica a leitura do conteúdo discursivo da propaganda nazista, o autor diz que a maioria dos conteúdos difundidos por agitadores autoritários e fascistas se pauta no ataque direto ao sujeito, não aos argumentos que esse sustente, tendo como premissa uma estética agressiva e esvaziada de sentido racional, conforme se observa:

Como seria impossível para o fascismo ganhar as massas por meio de argumentos racionais, sua propaganda deve necessariamente ser defletida do pensamento discursivo; deve ser orientada psicologicamente, e tem de mobilizar processos irracionais, inconscientes e regressivos (ADORNO, 2006, n.p.).

A partir da elaboração de Adorno (2006), é possível recorrer a Citelli (2002) no sentido de compreender as implicações do processo identificatório manifesto, metaforicamente, em um reflexo no qual os sujeitos se reconhecem e falam consigo mesmos, como em um monólogo, conforme se explicita:

O discurso autoritário lembra um circunlóquio: como se alguém falasse para um auditório composto por ele mesmo. É na forma discursiva que o poder mais escancara suas formas de dominação. Enquanto o discurso lúdico e o polêmico tendem a um maior ou menor grau de polissemia, o autoritário fixa-se num jogo parafrásico, ou seja, repete uma fala já sacramentada pela instituição: o mundo do diálogo perdeu a guerra para o mundo do monólogo (CITELLI, 2002, p. 39).

A amostra do discurso autoritário manifesto na cultura pela fala neste tópico refere-se a uma matéria publicada pela BBC News Brasil (SANCHES, 2020) acerca dos lugares midiáticos de Donald Trump, então presidente dos EUA, e de Jair Bolsonaro, atual presidente do Brasil, quanto ao uso da hidroxicloroquina no tratamento contra a covid-19. Tanto Trump quanto Bolsonaro são descritos na chamada e no conteúdo da matéria como "garotos propaganda" de um medicamento cuja eficácia, conforme posto no registro, não é comprovada. Ambos, assim, permanecem imanes no dizer, inflexionando o sentido da palavra que se assenta no negacionismo científico com a defesa do uso do medicamento, além da minimização do poder da doença, dentre outras falas. A vociferação discursiva de ambos parece visar à criação de uma narrativa que denega a multiplicidade de sentidos a fim de impor uma verdade absoluta, ainda que as matrizes informativas sejam, notoriamente, falsas. Tal assertiva é inferrida tendo como premissa o exercício interpretacionista na análise do discurso. Nesse sentido, um ponto fundamental trazido por Orlandi (2005) enfoca que por trás de um texto não existe um significado geral, mas uma verdade a ser interpretada a partir daquilo que constitui o analista em sua capacidade de compreender o mundo lido simbolicamente. Isso quer dizer que toda análise do discurso é um recorte subjetivo do sujeito no papel de analista, a partir de seus registros e capacidades de leitura de mundo.

De acordo com a matéria da BBC News Brasil (SANCHES, 2020), em 21 de março de 2020 Donald Trump publicou, em seu perfil na rede social Twitter, o seguinte pronunciamento acerca do uso da cloroquina:

HIDROXICLOROQUINA E AZITROMICINA, juntos, têm uma chance real de transformar a história da medicina. Espero que ambos sejam colocados em uso IMEDIATAMENTE. AS PESSOAS ESTÃO MORRENDO, MOVAM-SE RAPIDAMENTE E DEUS ABENÇOE A TODOS! (SANCHES, 2020).

O pronunciamento reverberou, e o discurso autoritário do líder americano foi parafraseado e repetido pelo então presidente brasileiro, que, em 29 de março de 2020, afirmou: "Aquele remédio lá, hidroxicloroquina, está dando certo em tudo quanto é lugar, certo? Um estudo francês chegou para mim agora." (SANCHES, 2020). A matéria ressalta a postura, conteúdos comunicacionais e discursos análogos bradados e apregoados por ambas as figuras

políticas em um explícito embate figurado pela imposição de um sentido negacionista e que rechaça qualquer conteúdo que se choque com suas falas.

Durante cena descrita na matéria, Jair Bolsonaro foi registrado tomando o medicamento, o que justifica a alcunha de "garoto propaganda". Segundo estudo de Silva (2015), a ação discursiva da publicidade visa vender sonhos a partir do estímulo ao consumo. Os produtos publicizados não são, necessariamente, bens. São também ideias e, assim, compreende-se o viés da atividade publicitária em despertar desejos, fomentar tomadas de decisão, chamar a atenção e despertar interesses. Tais atividades se assentam na lógica da persuasão a fim de seduzir o sujeito ao qual a comunicação se destina.

Os estudos de Silva (2015) sobre a atividade discursiva da publicidade contribuem sobremaneira para a interpretação do conteúdo tratado na matéria da BBC News Brasil, a qual é utilizada para coleta e análise do discurso autoritário. Conforme tratado pela autora, um dos gêneros do discurso publicitário é a propaganda, cuja base teórica fornece especial substrato para análise da dimensão simbólica incutida na representação do autoritarismo expresso na matéria da BBC News Brasil. A propaganda não tem por objetivo vender um produto, mas impulsionar um viés ideológico incutindo, literalmente, uma ideia ao processo subjetivo do sujeito da cultura. Trata-se, assim, de uma ação persuasiva em seu sentido literal para que se convença um determinado público a tomar determinadas decisões.

O título da matéria diz que o medicamento está vetado em hospitais nos EUA. Para além disso, na matéria, conforme já exposto, é tratado que a comunidade científica não identifica nenhum tipo de eficácia no uso da hidroxicloroquina para o que se denomina como tratamento precoce contra a covid-19. Porém, assumindo uma postura ancorada na repetição de falas cientificamente negacionistas, o então presidente brasileiro demonstra num registro imagético o que se pode interpretar como uma crença na eficácia do remédio. A manifestação falaciosa, assim, estrutura um esquema de repetição a fim de manter-se alinhado à sua postura ideológica. Verifica-se aqui, conforme Souza (2011), um dizer que se assenta num único sentido, sem qualquer tipo de inclinação simbólica para produção de novas realidades.

Há de se dizer que o mundo pode ser lido como linguagem em suas diferentes manifestações de acordo com Orlandi (2005), ou mesmo enquanto palavra escrita ou oralizada, ou mesmo enquanto representação imagética pela via dos signos, conforme nos traz Santaella (2007). Um signo é algo que traz em si a condição mútua de significado e significante, segundo nos esclarece Santaella (2007). De acordo com a autora, a leitura do significado de um signo se dá como o observar de um deslocamento de sentido num movimento de “esquiva inces-

sante”, pois um pensamento gera outro pensamento para que haja uma significação. Assim, há a construção de uma realidade simbólica enredada e interdependente.

Dito isso, Orlandi (2013) afirma não haver exatidão no sentido de algo que não é demonstrado, mas manifesta-se em uma exibição cujo significado será interpretado. Compreende-se a figura de Bolsonaro, conforme sua postura negacionista descrita na matéria, como o desencadeador de uma narrativa cujo único sentido reside, justamente, no autoritarismo. A irracionalidade do agitador das massas, neste caso, já trazida em Adorno (2006) e como esclarecido por Orlandi (2013), demonstra o impossível inscrito no real. Pode-se compreender o fato como um ato último de legitimação do esquema parafrásico da repetição a fim de conferir alguma coerência à história no único sentido do dizer autoritário. Quando Jair Bolsonaro nega evidências científicas de que o remédio defendido por ele não apresenta eficácia no tratamento da covid-19, como exposto na matéria da BBC News Brasil (SANCHES, 2020), o discurso autoritário se evidencia, por exemplo, pela neutralização polissêmica, ou seja, nega outras produções de sentido, como das sociedades civil e médica, por exemplo.

Cabe ressaltar os ecos do discurso autoritário evidenciando de que forma ele influencia a sociedade brasileira. Na imagem abaixo, manifestantes descritos pela *Revista Fórum* (FRAGÃO, 2021) como bolsonaristas, ou seja, apoiadores do atual governo, saúdam, de forma solene, uma pessoa fantasiada como uma caixa de hidroxicloroquina.

**Figura 1: Manifestantes saúdam caixa de cloroquina em ato simbólico, 2021.**



Fonte: FRAGÃO, 2021.

Na imagem, observam-se sujeitos que podem ser interpretados em uma posição de reverência a um signo que se assenta na falácia, pois, conforme já discutido, reside no negacionismo científico e em informações infundadas. Dessa forma, conforme trata Orlandi (2005), o sentido se apresenta como uma evidência, como se sempre existira e não fosse algo produzido a partir da própria interpretação, ou leitura do mundo enquanto linguagem. Ainda segundo a

autora, a ideologia opera justamente a partir da identificação de evidências de sentido tendo o homem imerso em uma "relação imaginária com suas condições materiais de existência" (ORLANDI, 2005, p. 46).

Os esquemas de repetição parafrásicos já discutidos mostram-se presentes, sobretudo na fantasia de um indivíduo que emite o comportamento de vestir uma caixa de um medicamento defendido por seus chamados "garotos propaganda", conforme se observou no recorte da BBC News Brasil. Na imagem, é possível visualizar a indagação que abre o presente trabalho. Como há homens que validem formas de poder e de existência que se assentam na aceitação do inaceitável como, por exemplo, a imposição de uma ideia por uma figura despótica? De acordo com Gros (2020), não há surpresa quanto ao que há de maléfico na figura do líder, mas o espanto reside no apoio que recebe de uma massa que o valida. E, justamente, por ser uma massa é que o cenário se configura de forma surpreendente, pois se assenta no que o autor chama de superobediência, um não questionar que move o ser de cultura que se silencia.

A falta de voz advém, justamente, da cacofonia da massa, sem uma unidade coerente, mas como um esquema dissonante que evidencia que as organizações políticas perpassam um sistema de classes. O autor afirma que a elite é bem-sucedida ao organizar, ao passo que a massa só consegue consolidar sua luta quando ultrapassa uma última fronteira, pois já não tem o que perder. Então, pode-se inferir que a cacofonia evanesce dando espaço a uma vociferação organizada e suficientemente capaz de realizar movimentações políticas.

A inflexão da palavra, não só por sua negação, mas pela descrição do ato parafrásico do "sujeito interpelado pela ideologia", conforme nos traz Orlandi (2005), permite, assim, interpretar o ato de Bolsonaro sendo descrito ingerindo um remédio ineficaz. Bolsonaro, no caso, figura como o autor do texto, aquele que se mantém em uma unidade disciplinada e organizada, contrapondo-se ao que se entende por sujeito do discurso que se movimenta pela dispersão extrapolando o sentido literal, que pode ser lido em uma interlocução.

Já a relação entre o dito e o não dito, em uma análise do fenômeno semântico presente na imagem, aponta uma possibilidade de compreensão trazida por Orlandi (2005) voltada para o silêncio. Tal dispositivo, conforme tratado pela autora ao referenciar Ducrot, pode dar-se a partir de um não-dizer implícito, o subentendido e aquilo que fica subentendido no campo contextual. Ao visualizar um grupo de pessoas em posição de respeito a uma representação de um medicamento defendido e propagandeado por uma figura de autoridade, há o que a autora define como uma junção entre eixos de congruência no esquema formativo do não-dizer: o interdiscurso, a ideologia e a formação discursiva. Nessa lógica, remontando à contribuição de Santaella (2007), pode-se entender o não-dizer como significado e significant. Ao dizer o

significante "x", o não dito "y" figura como significante que lhe atribui sentido. Com isso, a partir de uma fala, ainda que não parametrizada pela ciência, mas proveniente de figura de autoridade, o grupo encena uma representação de obediência, pois a reação simbólica presente na imagem é o da continência, utilizado para prestar sinal de respeito àquele que se encontra hierarquicamente em nível superior em organizações militares, conforme trazido por Stochero (2018).

Em interessante e pertinente indagação, Dias (2020) aborda o canto da sereia em movimentos autoritários como algo que sempre emerge, como elemento recalcado próprio da cultura. Pode-se contar com a indignação ante a palavra despótica. Trata-se de um movimento de afetos, como traz o autor:

É curioso constatar que, no manejo político dos conflitos nas sociedades democráticas, por estas prescindirem dos afetos, supôs-se sempre que se poderia contar com uma espécie de conformismo adaptativos às soluções não cumpridas. Ledo engano, tal como constatamos no exercício da Psicanálise: um dia, aquilo que foi censurado de comparecer retorna com a força de uma potência avassaladora, exigindo repetitivamente ser reconhecido (DIAS, 2020, p. 55).

Dito isto, se o que é censurado sempre procura seus meios de eclodir na cultura, que mimetiza os movimentos pulsionais, há o silêncio presente no não-dito, como trabalhado por Orlandi (2013). Ele confere significação ao dito fazendo com que o fenômeno semântico se desenvolva. O sentido, assim, ganha sentido de fato. Não se trata, assim, de falta de ação, mas de um silêncio que, segundo a autora, perpassa a palavra e diz por ela. O discurso, então, como enunciado, é como coisa viva que em sua historicidade se transforma e se atualiza. A relação entre o dizer e a memória do discurso se ancora na presentificação da palavra e na ausência, respectivamente. Essa ausência se traduz, justamente, no silêncio que, dentro do escopo da presente análise, pode-se entender que trata do apagamento da palavra contrária à realidade parafrásica do tratamento que se vale do uso do medicamento presente na imagem. Isto, em muito dista da lógica da vociferação tão comum no imaginário do senso comum ao pensar a turba inerente à massa. O silêncio é o da imagem, que fala por si apagando qualquer significação que lhe seja contrária.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo muitas as possibilidades de análise trazidas a partir da construção do presente trabalho, sua conclusão, assim, se traduz, metaforicamente (ou literalmente), em uma vírgula.

Ou várias vírgulas. A despeito do excerto dedicado ao silêncio enquanto respiro da significação presente na manifestação discursiva, faz-se imperioso trazer a contribuição da teoria lacaniana com o discurso do mestre. Se há um silenciamento presente em paralelo ao bradar da massa, identifica-se o que Lacan (1969-1970/1992) denomina, em sua teoria sobre os quatro discursos, como o discurso do mestre em sua relação com a histérica, enquanto atributo primário no sentido de conferir significação de modo alienante à qual o ser de cultura está assujeitado. Segundo o autor, o discurso do mestre (ou do senhor, conforme colocado), ainda que reduzido a um único significante, representa algo, o que é de suma importância, conforme se observa: "nada indica, com efeito, de que modo o senhor imprima sua vontade. Não há dúvida de que aí é preciso um consentimento (...)" (LACAN, 1969-1970/1992, p. 28). O que se evidencia, a partir da elaboração lacaniana e das contribuições trazidas por Orlandi (2005), reside na ordem do saber e da articulação do sentido que faz sentido, a fim de propiciar que o dizer vivo no enunciado discursivo mova as massas, o que Dias (2020) denomina como lógica do discurso da estupidez. Esse discurso referencia o encantamento mitológico das sereias que habita movimentos autoritários, encerrando o homem da cultura em uma cadeia de significação que o impele a seguir um senhor.

Dito isto, faz-se oportuno retomar La Boétie (2017, n.p.): "por ora gostaria apenas de entender como pode ser que tantos homens, tantos burgos, tantas cidades, tantas nações suportem às vezes um tirano só (...)". A despeito da recorrência histórica do autoritarismo e de seu enunciado, o canto da sereia continua a arruinar os seres de cultura, encerrando-os num esquema alienante quanto à produção de sentidos.

Gros (2020) problematiza tal consentimento a partir das relações de poder. Conforme contribuições da teoria lacaniana, há, de fato, um mestre da palavra que, ao criar uma fala que reverbera pela via do discurso em sua repetição e inflexão, condiciona a massa na já citada irracionalidade. Afinal, o sentido não engendra em si mesmo seu próprio significante e, a partir do que se viu durante a análise das amostras do discurso, descola-se da realidade para a ordem do simbólico, onde a razão parece não alcançar. Essa lógica é ainda mais intrincada ao remontar à contribuição do estudo de Schwarcz (2019), que atesta o autoritarismo enquanto espinha dorsal do esquema de poder no Brasil e tendo nas elites seu meio de manifestar-se. Grosso modo, pode-se inferir que, a fim de quebrar a ordem atual, seria necessário desfazer toda uma existência pautada em efeitos colaterais de uma lógica de dominação advinda desde o período colonial e que perpassa a palavra e seus sentidos.

Para a psicologia, abre-se a possibilidade de trabalhar a psicanálise que, desde Freud, não é determinada pelo conteúdo ou "material" com o qual trabalha, mas pela forma como se

emprega no exercício analítico, de modo a pensar questões da cultura tendo como foco o que fora, anteriormente, inédito. Isso se faz no sentido de buscar as contradições da sociedade em sua origem a fim de estabelecer um exercício crítico e reflexivo, bem como pensar novas possibilidades de existência, transitando e estabelecendo pontos de contato com outras áreas do conhecimento, como realizado na presente pesquisa.

Espera-se, a partir das diversas vírgulas suscitadas no presente trabalho, que seja possível abrir um campo mais amplo para a exploração do fenômeno da adesão voluntária à figura despótica pela via da palavra, no dito ou no não-dito. A emersão do autoritarismo e de seu enunciado discurso está sempre fadada a levar os homens à ruína pelo encantamento? O trabalho se encerra, assim, com tal questionamento voltado para novas possibilidades de exame acadêmico e como um convite a pensar a psicanálise para além do âmbito individual, mas a nível coletivo, estabelecendo uma análise da cultura. Abrange-se, assim, no processo, um questionamento crítico da aplicação dos conceitos psicanalíticos a fim de pensar o sujeito em sua historicidade e seus afetamentos, bem como o próprio paradigma epistemológico psicanalítico num exercício disruptivo de entrelaçamento às demais áreas do conhecimento humano como forma de se pensar o fazer acadêmico.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. A teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. **Revista Margem Esquerda: Ensaios Marxistas**, São Paulo, n. 7, p. 164-190, out. 2006. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/25/adorno-a-psicanalise-da-adesao-ao-fascismo/>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ALVES, Francisco das Neves. O discurso autoritário no Brasil: uma breve análise do manifesto de instauração do Estado Novo. **Revista Historiae**, Rio Grande, v. 7, n. 2, p. 57-77, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/hist/article/view/6721>>. Acesso em: 5 abr. 2020.

APOIADORES de Bolsonaro propõem "caça aos viadinhos" após eleição. **Pragmatismo Político**, 31 out. 2018. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2018/10/apoiadores-bolsonaro-caca-aos-viadinhos.html>>. Acesso em: 1º set. 2020.

BARROS, Thaís Santiago *et al.* Autoritarismo e adesão a sistemas de valores psicossociais. **Psico-USF (Impr.)**, Itatiba, v. 14, n. 1, p. 47-58, abr. 2009. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712009000100006](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712009000100006)>. Acesso em: 1º nov. 2020.

BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de; SCRIVANO, Isabel. Escola sem Partido: enfrentamentos e desafios para a formação em Psicologia. **Psicologia Ensino & Formação**, São Paulo, v.

8, n. 1, p. 32-47, jun. 2017. Disponível em  
<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612017000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612017000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 27 out. 2020.

BORRI, Giovanna Teixeira *et al.* A extrema-direita na atualidade. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 119, p. 407-445, set. 2014. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-66282014000300002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282014000300002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 out. 2020.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a Teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem - Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 15, n. 1, p. 171-182, jan.-jun. 2011. Disponível em:  
<<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/32465>>. Acesso em: 27 set. 2020.

BUENO, Sinésio Ferraz. A crítica dialética de Theodor Adorno ao fascismo: implicações no campo formativo. **Educação**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 492-500, set.-dez. 2017. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/25982>>. Acesso em: 21 fev. 2021.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino. MUTTI, Regina. PESQUISA QUALITATIVA: ANÁLISE DE DISCURSO VERSUS ANÁLISE DE CONTEÚDO. **Texto Contexto - Enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 679-684, Dec. 2006. Disponível em:  
<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072006000400017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 25 out. 2020.

CEPÊDA, Vera Alves. A Nova direita no Brasil: contexto e matrizes conceituais. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 75-122, maio-ago. 2018. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/34801>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

CITELLI, Adilson. **Linguagem e persuasão**. São Paulo: Ática, 2002.

DIAS, Mauro Mendes. **O discurso da estupidez**. São Paulo: Iluminuras, 2020.

DIEDRICH, Marlete Sandra. "Brasil: ame-o ou deixe-o": a produção de sentidos no discurso totalitário. **Revista Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 14, n. 22, p. 105-118, jul.-dez. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/conexaoletras/article/view/98124/54772>>. Acesso em: 6 abr. 2020.

FRAGÃO, Luisa. Bolsonaroistas batem continência para caixa gigante de cloroquina no RS. **Revista Fórum**, 26 mar. 2021. Disponível em:  
<<https://revistaforum.com.br/coronavirus/bolsonaristas-batem-continencia-para-caixa-gigante-de-cloroquina-no-rs/>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. São Paulo: UBU, 2020.

LA BOÉTIE, Étienne de. **Discurso sobre a servidão voluntária**. eBook Kindle, 2017.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. (1969-1970) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

MENESES, Adelia Bezerra de. Sereias: sedução e saber. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 75, p. 71-93, abr. 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rieb/a/xG9FNX8KQB8rxYbvWPXPRBs/?lang=pt>> Acesso em: 20 fev. 2021

MESSEMBERG, Débora. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 621-648, dez. 2017. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922017000300621&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922017000300621&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MORAIS, Argus Romero Abreu de. O discurso político da extrema-direita brasileira na atualidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 152-172, jul. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/download/12129/22452/50505>>. Acesso em: 27 out. 2020.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. Um apanhando teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, Cascavel, v. 2, n. 3, s./p., 2008. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3122>>. Acesso em: 17 maio 2020.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso**. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A materialidade do gesto de interpretação e o discurso eletrônico. In: DIAS, Cristiane. **Formas de mobilidade no espaço e-urbano: sentido e materialidade digital**. [on-line] Série e-urbano. V. 2, 2013. Disponível em: <[https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/eurbanoVol2\\_EniOrlandi.pdf](https://www.labeurb.unicamp.br/livroEurbano/volumeII/arquivos/pdf/eurbanoVol2_EniOrlandi.pdf)>. Acesso em: 13 mar. 2021.

REICH, Wilhelm. **Psicologia das massas do fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

REMENCHE, Maria de Lourdes Rossi; ROCHA, Jonas Eduardo. Ditadura militar e memória discursiva: uma análise a partir do gênero meme. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Letra Magna**, ano 14, n. 23, p. 570-585, 2º sem. 2018. Disponível em: <[http://www.letramagna.com/artigos\\_23/artigo32\\_23.pdf](http://www.letramagna.com/artigos_23/artigo32_23.pdf)>. Acesso em: 06 abr. 2020

SANCHES, Mariana. Lançada por Trump e propagandeada por Bolsonaro, hidroxicloroquina está vetada em hospitais nos EUA. **BBC News Brasil**, 10 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53370870>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SERBENA, Carlos Augusto. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 76-82, jun.

2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672010000100010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 23 abr. 2021.

SILVA, Carolina Costa. **Os gêneros anúncio publicitário e anúncio de propaganda: uma proposta de ensino ancorada na análise de discurso crítica**. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16753/1/GenerosAnuncioPublicitariio.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2021.

SOUZA, Pedro de. **Análise de Discurso**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em: <[https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto\\_Analise-do-Discurso\\_UFSC.pdf](https://petletras.paginas.ufsc.br/files/2016/10/Livro-Texto_Analise-do-Discurso_UFSC.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2021.

STOCHERO, Tahiane. Bolsonaro presta continência a civis; entenda o que o gesto significa. **G1**, 3 dez. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2018/12/03/bolsonaro-presta-continencia-a-civis-entenda-o-que-o-gesto-significa.ghtml>>. Acesso em: 25 abr. 2021.

TONUS, Loraci Hofmann. Do discurso enquanto constituinte da realidade. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/view/2302>>. Acesso em: 30 mar. 2021.